

Valor Econômico, 15 de maio de 2020

Violência diminui disparidade entre ricos e pobres, segundo o economista Walter Scheidel

Para o economista austríaco Walter Scheidel, de Stanford, a história mostra que só a violência faz diminuir a disparidade entre ricos e pobres

Por: Helena Celestino

A história ensina: só a violência faz diminuir a imensa desigualdade entre ricos e pobres, diz o economista austríaco Walter Scheidel, autor de um livro ambicioso em que analisa a distribuição de renda desde a Idade da Pedra até o século XXI. Não vale uma violência qualquer.

O abismo entre os donos das grandes fortunas e os “comuns” só diminui radicalmente em casos de pandemias, guerras, colapsos dos Estados e revoluções. Seriam esses os “Quatro Cavaleiros do Apocalipse”, que, ao passarem, deixam pelo caminho milhões de mortos e um rastro de destruição das riquezas, levando a uma nova ordem econômica e social.

Às vezes, os “cavaleiros” agem em duplas, como na derrubada do Império Romano, em que um vírus e a guerra acabaram com o longo domínio de Roma e fizeram a nobreza arruinada entrar na fila das esmolas distribuídas pelo papa.

Em outras, atuam sozinhos, como na devastadora peste negra em 1300, que acabou com um terço da população da Europa e diminuiu a desigualdade, ao elevar os salários da escassa mão de obra e diminuir o valor das terras. Antes da peste, 5% tinham metade da riqueza, depois 35%. Na América espanhola recém-conquistada, a varíola, o sarampo e epidemias sucessivas dizimaram as sociedades indígenas - estima-se que as mortes chegaram a 50% dos habitantes originais.

A elite espanhola no Novo Mundo era remunerada com “encomiendas” - autorização para escravizar e cobrar imposto dos índios -, mas, após a mortandade, os trabalhos forçados foram proibidos e os salários triplicaram em algumas regiões.

“Nenhuma dessas histórias tem final feliz. Quando a população volta a crescer, a remuneração dos trabalhadores cai e a elite assume o controle de novo. Foi assim na Europa durante quatro séculos até a ordem vigente ser chacoalhada pelas grandes guerras e revoluções comunistas já no século XX”, escreve Scheidel.

A Grande Depressão de 1929, os dois conflitos mundiais que destruíram a Europa e a política da União Soviética de construção de uma sociedade sem classes levaram a uma radical distribuição de renda e à criação do moderno Estado de bem-estar social, uma resposta europeia ao comunismo.

Durante as três décadas seguintes, o crescimento econômico nos EUA e em vários países da Europa foi acompanhado de uma distribuição de renda mais justa, sob a pressão de sindicatos fortes e a tributação progressiva da renda. Do outro lado do Muro de Berlim, o Leste Europeu tentava levar para a prática cotidiana a utopia marxista de uma sociedade de iguais e ampliava sua influência com as novas revoluções.

Em “Violência e História da Desigualdade” (ed. Zahar; trad. Vera Ribeiro; 616 págs., R\$ 109,90), o historiador de economia e professor na Universidade de Stanford demonstra, com uma profusão de dados, que desde há 10 mil anos a desigualdade só diminui com grandes choques. “O 1% original já existia na Mesopotâmia e entre os astecas”, afirma.

O professor ainda tem outra má notícia: a pandemia de covid-19 não deve deixar para nós a herança de um mundo mais igual, como preveem muitos pensadores ao redor do mundo. “Pelo contrário”, diz. “A massa de desempregados vai levar tempo até voltar a trabalhar e, para os ricos, a epidemia não será tão disruptiva.”

O choque ainda não foi suficientemente grande para compararmos a devastação da covid-19 com a passagem de um dos “Cavaleiros do Apocalipse”. Para Scheidel, as possíveis mudanças sociais vão depender da resposta dos governos para proteger os mais vulneráveis à crise. Apesar de acreditar que uma renda mínima universal venha a ser criada, ele não está muito otimista com o futuro. Diz não acreditar que bilionários venham a usar uma porcentagem de suas fortunas para financiar a saúde ou uma rede de proteção social.

“Até agora estamos fazendo o que fizemos em 2008 e 2009: o dinheiro novo sendo usado para socorrer bancos e grandes corporações. As pessoas comuns terão uma proteção por pouco tempo. É mais fácil criar dinheiro do que taxar poderosos aqui nos EUA e no Brasil”, diz Scheidel, comparando a resposta ao coronavírus com o socorro na crise financeira global de 2008.

Antes da pandemia, as disparidades de renda, amainada no pós-guerra, já estavam crescendo há cerca de uma geração. Em 2019, segundo dados da Oxfam (Comitê de Oxford para Alívio da Fome), 26 super-ricos tinham renda equivalente à renda dos 3,8 bilhões mais pobres, ou seja, metade da humanidade.

Em 2012, pela primeira vez a riqueza do 1% superou o ponto culminante de 1919. Uma amostra de 26 países constatou que a participação dos mais ricos na renda nacional cresceu 50% entre 1980 e 2010. No Brasil, o 1% com salários mais altos ganhava 33,7 vezes mais do que os 50% mais pobres em 2019. Entre 2015 e 2018 a renda média das famílias mais pobres caiu 11%, enquanto a renda dos mais ricos subiu 6%, segundo dados do IBGE.

“Não estava muito otimista sobre a sustentabilidade do processo de distribuição de renda do início dos anos 2000. Quando estava escrevendo o livro, a recessão começara e parara de reduzir a desigualdade nos países da América Latina, incluindo o Brasil”, diz. “Se esta crise não tivesse acontecido, um novo crescimento aconteceria, mas agora já não está à vista. A recessão vai continuar e ficar pior, não vejo nenhuma continuação da tendência anterior de redução de desigualdade.”

A professora de economia Lena Lavinas, atualmente na Universidade Princeton, liga o trabalho de Scheidel ao movimento de releitura histórica para entender a persistência há milênios da desigualdade.

Essa tendência na academia começou com “O Capital no Século XXI” (2013), de Thomas Piketty, aprofundado no seu último livro, “Capital et Idéologie” (Capital e Ideologia, de 2019). O professor Walter Scheidel reconhece no economista francês uma fonte de inspiração, porque ambos acham a desigualdade difícil de ser reduzida sem choques violentos. Mas não concorda com o argumento do livro mais recente de Piketty de que as ideologias são cruciais para determinar o tamanho da desigualdade.

“Do ponto de vista histórico, isso não faz sentido. Perguntei a ele como a desigualdade se reduziria por meios pacíficos. E ele respondeu que no século XX era impossível, mas, no XXI, pode acontecer. Não explicou como: não é plausível, mas no futuro tudo pode acontecer”, diz Scheidel.

Link original: <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2020/05/15/violencia-diminui-a-disparidade-entre-ricos-e-pobres-segundo-o-economista-walter-scheidel.ghtml>